

Na bravura dos bandeirantes os alicerces de Vila Boa de Goiás

continuação da página 32

comarca dependente do Governo de São Paulo, conforme Ordem Régia de 11 de fevereiro de 1736. Em atenção ao seu fundador e aos índios moradores da região, a nova cidade do Brasil Colonial passou a chamar-se Vila Boa de Goiás, traçando-se nesta ocasião as ruas, praças e edifícios públicos.

Poucos anos depois, a 8 de novembro de 1744, a recém-criada Vila Boa é transformada em capital da nova Capitania-Geral a que foi elevada a Comarca de Goiás, depois transformada em Estado, até 24 de outubro de 1937, quando a capital foi transferida para Goiânia pelo então Governador e hoje Senador Pedro Ludovico.

Desde 1961, durante quinze dias do mês de julho, a cidade de Goiás volta a ser a capital simbólica do grande Estado, por determinação do atual Governador, Major Mauro Borges, irônicamente, o filho do criador de Goiânia. A primeira transferência provocou de alguns vilaboenses, inconformados com a mudança da capital, o comentário de que o filho reconhecia o erro do pai.

Eis a história de Vila Boa de Goiás. Melhor, uma iniciação. História mesmo, com suas tradições e suas glórias, arte e cultura do seu povo, desde os anos de Bartolomeu Bueno, lê-se em cada recanto da antiga Vila Boa, cuja essência está ainda hoje de pé, com todas as relíquias dos tempos das Bandeiras, cidade-museu que é. Seu passado está nas suas ruas estreitas e becos tortos, calçados com pedras irregulares; nas velhas casas geminadas, como a apoiar-se umas nas outras; nas brancas igrejas dominando praças e colinas; na quietude de suas pontes de madeira, transpondo a alvura das águas do Rio Vermelho, cujo nome hoje só se justifica quando, na primavera, os "flamboyants" emolduram suas margens com o vermelho de suas flôres. Enfim, cada pedacinho da Vila Boa revive para os seus habitantes como para o turista curioso um pouco de alegria e de dor, de glórias e de lutas, testemunha das bravuras e tradições patrióticas que tornaram o Brasil tão grande e tão Brasil.

Dentre os monumentos e edificações de alicerces seculares, estão as numerosas igrejas, símbolo da fé cristã dos seus primeiros habitantes que a transmitiram, geração após geração, até os nossos dias. A mais antiga, a de São Francisco de Paula, foi erigida por Antônio Tomás Coelho, em 1761, junto à margem esquerda do Rio Vermelho. Motivo permanente para pintores e poetas. Há, ainda, a igreja de Santa Bárbara, construída em 1780, no alto de uma colina, onde, nas noites de luar, moças, rapazes, uma pequena multidão esquece as horas frias das madrugadas, entoando meigas canções de lavra vilaboense, a várias vozes e acompanhadas de violões e violinos.

O final do Século XVIII foi o tempo propício à construção de igrejas. Além das já citadas existem as de N. S.^a do Carmo (1786), N. S.^a da Abadia (1790) e N. S.^a da Boa Morte (1799), todas no centro da cidade. Nas igrejas da Abadia e Boa Morte encontram-se as principais obras do escultor goiano José Joaquim Veiga Vale, o "Aleijadinho" de Vila Boa. Veiga Vale, artista autodidata, deixou vastíssima obra, toda talhada em madeira. Imagens de sua criação estão espalhadas em todo o Brasil, e uma pertence hoje ao acervo do Museu do Vaticano. O Museu da Cúria de Goiás guarda algumas obras desse artista, orgulho do Estado, onde nasceu, na cidade de Pirenópolis, a 9 de setembro de 1806, tendo falecido em 27 de janeiro de 1874.

Vila Boa, como toda cidade bem brasileira, tem sua catedral, sob a invocação de Sant'Ana, ainda em construção, no mesmo lugar onde Bartolomeu Bueno levantou a Capela de Sant'Ana em 1726. Seus alicerces datam de 1729, quando, por provisão do Bispo do Rio de Janeiro, Dom Frei Manuel de Guadalupe, Vila Boa foi elevada a freguesia. As obras que hoje se vêem de pé, no Largo da Sé, fogem às linhas da arquitetura colonial, bem como cresceram além dos alicerces das primeiras tentativas.

Lembranças de Goiás-Província, Goiás-Capitania, são ainda as construções civis, destinadas à administração pública. O edifício mais imponente e mais antigo, e certamente também dos mais importantes, é aquele que fica no Largo do Chafariz, onde estavam instaladas a Câmara e a Cadeia Pública, edifício majestoso, de dois andares, construído de pedras batidas entre paredes de grossas madeiras, em 1761, para durar séculos. Os prisioneiros desciam através de alçapões, do andar superior, por meio de escadas de madeira, que após usadas, eram recolhidas e presas ao teto. Nenhuma possibilidade de fuga. No andar superior funcionava a Câmara. Hoje, o edifício tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional, está sendo restaurado e adaptado.

O Palácio Conde dos Arcos foi, até 1937, data da transferência da Capital para Goiânia, a sede dos capitães-mores, presidentes e governadores de Goiás. Edifício construído em 1867, foi recentemente reformado para receber o Governo Estadual, que durante quinze dias do mês de julho de cada ano lá se instala simbolicamente.

A Casa de Fundação, o Hospital de Caridade, o Quartel do Vinte (já foi hotel, hoje é hospital), são também edifícios públicos construídos no Século XVIII, formando ruas e praças, cujos nomes ainda se conservam, como as ruas da Cambaúba, Manchorra, Fundação, Fogo, Hórto, Capim, das Violas, do Canivete, das Carroças, do Ritentém etc. Assim são elas chamadas, apesar de os seus nomes terem sido oficialmente mudados, de acordo com a mania brasileira de dar-se o nome de pessoas a logradouros públicos tradicionais.

Pedacinhos de histórias românticas parecem ter sido a matéria-prima com que se construíram as bucólicas fontes transformadas em chafarizes, onde as aguadeiras, desprezando o conforto da canalização urbana, vão encher suas bilhas de barro queimado, obra das paneleiras. O maior de todos e o mais antigo, o Chafariz do Largo, foi

construído em 1774 pelo então Governador Conde José de Almeida Vasconcelos de Sobral de Carvalho e fica na maior praça de Goiás, o chamado Largo do Chafariz. O da Carioca, um pouco afastado do centro, foi construído em 1874, à margem esquerda do Rio Vermelho. Existem outros, como um feito em ferro e localizado em frente ao Palácio Conde dos Arcos, à Igreja da Boa Morte e à catedral em construção. E há lendas sobre os efeitos de suas águas. O forasteiro que beber na Carioca permanecerá na cidade ou um dia lá voltará. E se for rapaz solteiro, que se acautele, pois a fonte da Carioca zela pelos sentimentos casadoiros das vilaboenses, fazendo com que aquele que bebeu suas águas venha a casar-se com uma moça de Goiás, onde quer que se esconda no mundo.

Em frente ao Hotel Municipal, onde a Rua Nova se prolonga sobre o Rio Vermelho, pela ponte da Lapa, está, sobre um pedestal, a Cruz do Anhangüera. Afirma-se que esta cruz de madeira, encontrada pelo vilaboense Luís do Couto, uma légua após atravessar o Pôrto Velho, no Rio Paranaíba, teria sido lá deixado por Anhangüera. Para confirmação do que se diz, há, na base da cruz, a inscrição 172... , achando-se apagada o último algarismo. O local onde foi descoberto consta do roteiro de Bartolomeu Bueno, que, como todo bandeirante, plantava, ao atravessar os grandes rios, uma cruz, símbolo do domínio português e da fé na Religião Católica. Por isto acredita-se que a cruz encontrada em 1917 tenha sido o marco da Entrada de Bueno em Goiás. Ela atraiu o interesse do Museu do Ipiranga de São Paulo, que só não conseguiu levá-la devido à interferência do então Presidente de Goiás, Olegário Pinto. Está colocada sobre o esteio-mestre da antiga Igreja da Lapa, destruída por uma enchente em 19 de março de 1839. Além de ser um marco da cidade, a cruz do Anhangüera, com seus braços abertos, qual o Cristo do Corcovado, no Rio, parece abençoar permanentemente a cidade e suas famílias.

Em sua maior parte as famílias de Vila Boa são tão tradicionais quanto a própria cidade. São descendentes dos primeiros bandeirantes. Daí a formação rígida e o amor às tradições. Seus habitantes, quase todos, passaram pelos bancos do Liceu de Goiás, o segundo estabelecimento de ensino do Brasil, fundado em 23 de fevereiro de 1846, menos de nove anos após o Pedro II, do Rio de Janeiro. O forasteiro que chega a Goiás se impressiona, de saída, com a hospitalidade que não é apenas proverbial, mas se evidencia pelas casas permanentemente abertas. É tradicional em Vila Boa uma pedra arredondada que se encontra em todas as casas, segurando a porta de entrada para não se fechar. O forasteiro será convidado a comer o prato da terra, o arroz de piqui, e recomendado a não morder a fruta, pois o caroço deixará, nas gengivas inexperientes, milhares de minúsculos espinhos. Conforme a estação do ano, as mesmas se cobrirão de frutas para a sobre-mesa, como a uva. Ali as parreiras férteis produzem duas vezes ao ano. A noite, será levado ao Goiás Clube, o único talvez no gênero: ao seu corpo de sócios só podem pertencer mulheres, e são elas também que o dirigem. O homem só entra no Goiás Clube como convidado. Ou tomará parte numa reunião em casa de amigos, em torno de violões, violinos e outros instrumentos, para uma serenata que avançará madrugada adentro. Porque as noites goianas, conforme canção popular, "são noites de trovas, de beijos e juras". Poetas, pintores e músicos, vilaboenses de arte espontânea, relembrarão, cada qual com sua musa, as histórias e glórias da Vila Boa.

O turista de bom fôlego e amante de aventuras não poderá sair de Goiás, sem uma escalada à Serra Dourada, próxima à cidade de Goiás. De carro, ele irá, saindo pela madrugada, até a raiz, onde deixará o veículo, numa fazenda, seguindo a pé até o planalto, no alto da serra. É cansativa e puxada a subida, mas o que lhe contaram em Goiás sobre as maravilhas da serra o fará apressar cada vez mais. É a curiosidade e talvez a incredulidade que só a visão quase irreal da Pedra Goiana o fará crer. Querera escalá-la, sentir o seu leve oscilar, de um para outro lado, conforme sua posição em cima da pedra, e guardar a agradável sensação numa fotografia para o álbum da família. Ao começar a descida, depois de esgotado o farnel que todo excursionista prevenido leva às costas, ele irá apreciando, agora com calma, as maravilhas que os seus olhos jamais viram. As pedras sujas de limo preto que vai encontrando no caminho, ele, já prevenido por quem conhece os segredos da Serra Dourada, as vai quebrando. Poderá inclusive fazer apostas com os companheiros de escalada. É que ninguém saberá precisar qual a cor interna da pedra. Poderá ser rósea, amarelada, verde, ou tantas outras tonalidades. Colorido idêntico verá nas areias. Dois colecionadores de Goiás já reuniram trezentas tonalidades diferentes de areias, todas da Serra Dourada. Azuis, pretas, lilases, róseas, brancas e mais brancas etc. Satisfeito de tanta maravilha, restarão poucas interjeições para a outra surpresa com que a Serra Dourada premia os corajosos que a escalam: o papyrus. Esta planta, de cuja existência só se tinha conhecimento no Oriente, é um enigma a ser explicado pelos botânicos, como a coloração das pedras e areias merece um estudo por parte dos geólogos. Por fim, antes de deixar o platô central da serra, em meio às mais variadas formações graníticas, ora parecendo imensos pórticos, ora muralhas de uma fantasmagórica construção, e outras figuras, avistar-se-á de um lado Vila Boa e de outro a vizinha cidade de São José de Mossâmedes.

O asfalto já cobre a metade da estrada que liga Goiânia à antiga Capital. Em menos de um ano, esperam os vilaboenses e promete o Governador Mauro Borges, duas horas de automóvel bastarão para ligar as duas cidades. E ninguém que vá passear em Goiânia ou mesmo em Brasília (outras duas horas distante de Goiânia) deixará de dar uma esticada a Vila Boa de Goiás, a cidade que Bartolomeu Bueno plantou à margem do Rio Vermelho.